



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

A REPÚBLICA DOS “DEGOLADOS”: CHACINA E BANALIDADE DO MAL NA OBRA *OS SERTÕES DE EUCLIDES DA CUNHA*.

Marco Aurélio Dantas Nepomuceno

UECE- Universidade Estadual do Ceará

dantasaurelio@hotmail.com

O presente trabalho tem como objetivo analisar a obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha como testemunho histórico dos acontecimentos que nortearam a Campanha de Canudos no final do século XIX. A presente obra de Euclides se apresenta como um importantíssimo documento que revela as atrocidades perpetradas pelas forças militares da então República emergente, que sob o discurso da “liberdade fraterna” arrasou o movimento sertanejo de Antônio Conselheiro, praticando atos de carnificina em nome da “ordem” e do “progresso”.

Euclides da Cunha e sua época

Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha foi um escritor e jornalista brasileiro. Nascido em Cantagalo, estudou na escola Politécnica, tornando-se brevemente militar. Em 1897 tornou-se correspondente de guerra e cobriu os acontecimentos da guerra de Canudos, conflito sertanejo liderado pelos religiosos de Antônio Conselheiro contra o exército brasileiro, o qual lhe rendeu a obra *Os Sertões*, clássico da literatura Brasileira. Nela, o autor mescla seu cientificismo³²¹ com elementos da ficção romântica.

O contexto no qual a obra de Euclides da Cunha está inserida se encontra nas transformações que ocorreram na transição do Império para a República. A Abolição já havia sido decretada, causando um impacto significativo nas elites escravocratas, o partido republicano emergia, tendo como atores principais os militares, e assistia-se a configuração de novas mudanças culturais importadas da Europa: a efervescência da

³²¹ Em meados do século XIX o Brasil começa a abraçar com simpatia as mais variadas tendências ideológicas ancoradas no positivismo.





Belle Epoque e as ideias científicas. A República nascente abraçava assim a proposta higienista de criar e consolidar um “Brasil novo”, sob a alcunha da “Ordem e Progresso”, discurso estampado na bandeira. Portanto, tais propostas se assentariam na racionalidade científica, onde qualquer movimento popular que fugisse das regras impostas deveria ser abafado em nome da referida ordem³²². A República nasceria assim, numa mescla autoritária que se forjou entre o positivismo militar dos cadetes do exército e das oligarquias cafeeiras, que representavam o mandonismo brasileiro em fins do século XIX. Os problemas sociais eram entendidos como casos de “policia”, sendo fenômenos decorrentes das teorias da “degenerescência³²³”, ideologia muito em voga na época e abraçada com entusiasmo pelas elites. As cidades já tinham os seus problemas de violência urbana acarretada pela desigualdade econômica; já se tinham movimentos sociais urbanos coma a nova classe proletária advinda dos imigrantes europeus trazidos para trabalharem nas lavouras do café, principal atividade econômica até o momento. No campo a miséria e a fome assolavam os sertões decorrentes de situações climáticas agravadas pela seca e principalmente pelo descaso e indiferença das elites agrárias. O sertão baiano como os demais sofrerá essas consequências:

No solo miserável do sertão, Conselheiro encontrara terreno fértil para sua pregação messiânica. A decadência dos engenhos, o fim da escravidão, a seca terrível de 1878 (diante a qual, só no Ceará, cerca de 100 mil pessoas morreram de fome), a alimentação do mercado de trabalho provocada pelo fluxo incessante de imigrantes europeus: tudo conduziria ao caos social do Nordeste. Nesse ambiente de vertigem e desespero, surgiu a figura magnética de Antônio Conselheiro (BUENO, 2013, p.275)

Antônio Conselheiro iniciou sua peregrinação pelo sertão, pregando suas ideias igualitárias em 1874. Foi atacado pelo clero, perseguido pelos latifundiários, preso, espancado pelas autoridades monárquicas vários anos antes da proclamação da República.

³²² Exemplos típicos desse autoritarismo se deram em acontecimentos como A Revolta da Vacina, As medidas higienistas de Pereira Passos nas Ruas do Rio de Janeiro e a repressão aos movimentos populares do Contestado e Canudos.

³²³ Vale salientar que a Eugenia estava em voga nas discussões dos cientistas brasileiros e perdurou até a década de 1940.





Quando Euclides da Cunha partiu para Canudos como representante do Estado de São Paulo acreditava que a Guerra no sertão da Bahia tinha como objetivo a restauração da monarquia³²⁴. Não tardou porém, em verificar o seu erro. E disse categoricamente em *Os Sertões* que “a ação de Conselheiro e seus partidários não traduzia o mais pálido intuito político: o jagunço é tão inapto para aprender a forma republicana como a monárquico-constitucional” (CUNHA, 2003, p.90).

Observa-se assim que o discurso de Euclides da Cunha estava ambientado com as variadas tendências cientifistas da época, como o determinismo biológico³²⁵ e o racismo eugenico. Nesse contexto, determinadas categorias de indivíduos eram identificadas a partir do seu meio, ou seja, certas regiões ou espaços eram indicadores de inferiorização do sujeito. Para Euclides da Cunha e seus contemporâneos republicanos, Canudos representava um covil de “loucos”, “degenerados” e “bárbaros” que lutavam a favor da ‘restauração’ monárquica em pleno sertão nordestino.

Antônio Conselheiro não foi um fanático nem um beato manejado por bandidos que não sabiam ler ou escrever. Foi o fundador de Canudos e dirigente incompatível da resistência camponesa na maior “guerra social que abalou o sertão do país” (MONIZ, 1982, p.14)

Antecedentes da revolta: Os Pobres do Campo.

Entre meados do século XIX e começos do século XX, sucederam-se no nordeste brasileiro movimentos de rebelião dos pobres do campo. Assumem as mais diversas características. Seus pontos culminantes são Canudos (1896/1897), Contestado (1912/1916) e o Caldeirão (1936/1938). Apesar da especificidade de cada um, liga-os um traço comum: o choque aberto entre a religiosidade popular e a religião oficial dominante. No final do século XIX o nordeste passa por crises constantes de miséria, fome e mortandade produzidas pela seca e pelo descaso dos latifundiários. Registra-se nessa época o grande afluxo de flagelados sertanejos em direção a região norte, em

³²⁴ Esse discurso era alimentado nas rodas de conversa da imprensa conservadora da época.

³²⁵ Muitos intelectuais brasileiros receberam o darwinismo social com deslumbre.





busca de trabalho nos seringais amazônicos. Algumas cidades de Recife e Fortaleza, que se modernizavam nessa época criaram mecanismos de controle para evitar que esses pobres chegassem a tais espaços. No Ceará, por exemplo, as elites das cidades metropolitanas criaram campos de concentração para barrar a chegada dos ‘flagelados’³²⁶. É nesse clima de dor, miséria e sofrimento que eclode o movimento messiânico de Canudos:

A grande concentração de pobres do campo que de novembro de 1896 a outubro de 1897 sustentou nos sertões da Bahia a grande luta armada conhecida sob a denominação de Guerra de Canudos, começou a formar-se naquele aldeamento em 1893. Constituiu-se sobre os escombros de uma velha fazenda em ruínas, como deveriam ser à época muitas outras pelo vasto interior do Brasil, particularmente no Brasil. (FACÓ, 1963, p.77).

Há cinco anos a escravidão havia sido abolida e quatro de proclamada a República quando chegou a Canudos a gente de Antônio Conselheiro. Mas aquelas mudanças na fisionomia política do país, impostas embora por certas modificações na estrutura econômica, em nada melhoraram a vida dos trabalhadores e muito menos da grande massa do campo submetida pelos senhores latifundiários. As massas de camponeses eram simplesmente ignoradas e silenciadas. O trabalhador do campo do Brasil fora sempre considerado pelos fazendeiros e seus porta-vozes como “simples escravos ou servo, geralmente equiparado aos animais de carga”. (FACÓ, 1963, p81).

A República emergente assim, se apresenta como portadora da proposta racionalista de Estado, no qual a cobrança de impostos era uma de suas marcas. Um dos motivos das diversas prisões de Conselheiro era justamente a sua recusa em acatar esse mandonismo republicano, o que se somava com os vários adeptos que o beato trazia para si, disseminando em seu discurso críticas sociais ao governo vigente na busca de uma utopia cristã na terra. Canudos se assemelhava aos grandes projetos utópicos da história, como *A República*³²⁷ de Platão ou a *Utopia*³²⁸ de Thomas More. Num lugar esquecido

³²⁶ Raquel de Queiroz narrou essa tragédia da seca em seu Romance *O Quinze*.

³²⁷ Nessa obra Platão idealiza seu sonho de elaboração de um Estado racional liderado por “reis filósofos”





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

pelas autoridades republicanas a voz de Conselheiro soava como um alívio aos marginalizados, como lembra o historiador marxista Rui Facó:

Em que consistia a subversão anunciada e o prenuncio de desgraças? Em primeiro lugar, porque o Conselheiro arrebatava multidões de adeptos para caminho diverso daquele indicado pelas classes dominantes, subtraindo-os, às centenas, à influencia da ideologia religiosa por elas pregada e que era inculcada através do catolicismo. Em segundo lugar, porque os conselheiristas começavam a armar-se como se tivessem de ferir uma batalha campal. (FACÓ, 1963, p.87)

É nesse espírito de revolta assolado pela seca e pela miséria que eclodirá o movimento messiânico de Conselheiro, indicando a resistência do sertanejo perante tais mazelas. Os adeptos da causa de Conselheiro se rebelam contra a cobrança de impostos. Segundo Euclides da Cunha, o primeiro incidente do gênero ocorre em Bom Conselho, num movimentado dia de feira, quando estava reunida ali não só a população da localidade, mas de suas redondezas. O Conselheiro manda “arrancar os editais de cobranças de impostos e com eles faz uma fogueira em praça pública” (FACÓ, 1963, p88).

A tentativa de criar uma comunidade igualitária não tardaria em despertar o temor dos fazendeiros que viviam da exploração dos camponeses. Seria perigoso para eles se as ideias de Conselheiro se entendessem pelo sertão e surgissem outros Canudos. O clero permanecia hostil, apesar de Conselheiro continuar fiel a Igreja Católica, “todos os seus seguidores submetiam-se às principais exigências dos párocos: casavam-se no religioso, batizavam seus filhos, iam às missas aos domingos” (MONIZ, 1982, p.34).

Assim sendo, no imaginário das autoridades republicanas o arraial sertanejo representava os entraves à modernização brasileira. O beato junto com seus asseclas amedrontavam os latifundiários, a alta cúpula da igreja católica e o exercito, fazendo com que a opinião publica construísse os mais variados estereótipos³²⁹ acerca dos sertanejos de Canudos. Nesse sentido, serão enviadas ao sertão baiano quatro expedições para abafar o movimento messiânico. Apesar da resistência heroica o arraial

³²⁸ Representa o primeiro tratado utópico da modernidade.

³²⁹ Os principais jornais da época dos grandes centros tachavam a população de Canudos como “bárbaros”, “loucos”, “monarquistas”, “anarquistas” e “degenerados”.





é destruído em 1897, “quando caíram seus últimos defensores: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados” (CUNHA, 2003, p.532).

Os Sertões: Literatura e Trauma.

Euclides da Cunha publicou *Os Sertões* em 1902. A obra em sua essência narra o conflito ocorrido no sertão baiano entre as forças republicanas e os “jagunços” de Antônio Conselheiro. A escrita de Euclides carrega uma mescla entre o cientificismo em voga na época e os elementos do romantismo, pois a obra também se apresenta como uma epopeia. *Os Sertões* é dividido três partes: *A Terra*, *O Homem* e *A Luta*. Na primeira parte são estudados o relevo, o solo, a fauna e o clima da região nordestina. Euclides da Cunha registrou ainda que as grandes secas do nordeste brasileiro obedecem a um ciclo de nove a doze anos.

Ao discorrer sobre o *Homem*, o autor faz uma análise da psicologia do sertanejo e de seus costumes tendo na figura de Conselheiro uma referência para a definição do arquétipo do nordestino. No fim, ao discutir a *Luta*, Euclides da Cunha começa a mudar o foco, na medida em que delinea sua escrita para um compromisso ético, tornando sua narrativa comprometida com a denúncia social. Nesse sentido, podemos definir *Os Sertões* como um gênero novo intitulado *Literatura do Trauma* ou *Literatura do Testemunho*³³⁰, pois o escritor, que produz sua obra em situações-limite ou nas catástrofes torna-se um “sobrevivente” do flagelo, e, portanto, sente a necessidade de narrar sua história. Esse sobrevivente busca a justiça, após ter sobrevivido à extrema injustiça:

A literatura de testemunho é um conceito que, nos últimos anos, tem feito com que muitos teóricos revejam a relação entre a literatura e a realidade. O conceito de testemunho desloca o ‘real’ para uma área de sombra. Testemunha-se, via de regra, algo de excepcional, e que exige um relato. Esse relato não é só

³³⁰ O presente termo tem uma relação específica com as obras escritas durante a Segunda Guerra Mundial, a chamada literatura da Shoa.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

jornalístico, reportagem, mas é marcado também pelo elemento singular do real. (SELIGMANN, 2013, p.47).

Assim sendo, aquele que testemunha uma situação de catástrofe em sua narrativa é um sobrevivente da morte, e, portanto tem a necessidade de narrar para afugentar a sua “dor”. Além do mais, o escritor ao narrar os acontecimentos estéticos das carnificinas assume também um compromisso ético com a verdade, pois seu texto deve “manter a memória, a presença dos mortos e dar um túmulo a eles”. (SELIGMANN, 2013, p.55).

Desse modo, mesmo Euclides de Cunha construindo sua narrativa em cima do discurso oficial, cientista e positivista do Século XIX, - o qual negava as diferenças do sertão nordestino-, a partir da análise da última parte da obra intitulada *A Luta*, o escritor carioca expressará sua resistência ao discurso eugênico e elitista da República, colocando-se ao lado do sertanejo e denunciando a violência perpetrada pelas forças oficiais, discussão que veremos a seguir.

A Degola em nome da Ordem: Aspectos da Maldade em *Os Sertões*.

Nessa última análise do presente trabalho discutiremos o conceito de *Maldade*³³¹ em Hannah Arendt³³² como suporte teórico para o entendimento da chacina perpetrada no arraial de Canudos pelas forças militares da República. Para tanto, vale frisar aqui que são contextos diferentes, pois a obra de Euclides da Cunha é produzida em fins do século XIX e a de Arendt escrita nos chamados “tempos sombrios”, período que se inicia com as Grandes catástrofes do século XX. Nesse sentido, a semelhança se encontra no poder destrutivo do Estado que se manifesta no indivíduo incapaz de pensar sobre os seus atos. Esse sujeito, imbuído da ideologia estatal, pode cometer as mais variadas atrocidades em nome da lei ou da ordem, perpetrando a chamada “obediência cega” ou a “obediência cadavérica” (Arendt, 2013, P.152).

³³¹ Não queremos aqui cair no anacronismo, pois os contextos são diferentes.

³³² Pensadora de origem judaica que escreve sobre temáticas ligadas a segunda Guerra e a violência de Estado.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

O tema do *Mal*, em Arendt, não tem como pano de fundo, a malignidade, a perversão ou pecado humano. A novidade da sua reflexão reside justamente em evidenciar que os seres humanos podem realizar ações inimagináveis, do ponto de vista da destruição e da morte, sem qualquer motivação maligna.

A temática da banalidade do mal à qual temos como propósito de analisar se concentrará nos últimos episódios da Guerra, onde Euclides da Cunha assume em sua escrita o compromisso ético de denunciar a carnificina cometida pelos soldados das forças republicanas frente aos sertanejos, não isentando velhos, mulheres ou crianças. Depois da quarta expedição ao arraial e o enfraquecimento dos revoltosos, inicia-se a brutalidade em nome da ordem:

Mulheres desatinadas disparavam em choros, e rolavam pelos cantos; até baquear no chão, cozido a baioneta ou esmoído a coronhadas, pisado sob o rompão dos coturnos, o lutador temerário. Reproduziam-se tais cenas.

Quase sempre, depois de expurgar a casa, o soldado faminto não se forrava a ânsia de almoçar, em Canudos. (CUNHA, 2003, p.301).

As mulheres de Canudos deixaram exemplos notáveis de bravura e firmeza inabalável diante das forças republicanas. A maior parte preferiu morrer e deixar-se aprisionar. E, mesmo quando prisioneiras, na miséria mais extrema, demonstravam tanta bravura, “tanta confiança em seus companheiros que, em geral, eram degoladas pelos invasores do arraial de Conselheiro”. (FACÓ, 1963, p.109).

Euclides registra que Canudos se transforma numa verdadeira cena dos horrores, na medida em que a morte não causava mais espanto; as pessoas conviviam com ela e as ordens dos oficiais eram que não permanecesse nenhuma vida no arraial: “toda gente se adaptara a situação. O espetáculo diário da morte deram-lhe a despreocupação da vida”. (CUNHA, 2003, p.479). Desse modo, o Estado republicano que levaria a razão aos “degenerados” e “bárbaros” do sertão baiano, ia a cada dia no final da luta consolidando





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

a sua *necropolítica*³³³, escolhendo aqueles sujeitos que seriam condenados á morte, como lembra Euclides, no capítulo intitulado *A Degola*:

Chegando a primeira canhada encoberta, realizava-se uma cena vulgar. Os soldados impunham invariávelmete à vítima um viva a Republica, que era poucas vezes satisfeito. Era o prólogo invariável de uma cena cruel. Agarravam-na pelos cabelos, dobrando-lhe a cabeça, esgargalando-lhe o pescoço; e, francamente exposta a garganta, degolavam-na. Não raro a sofreguidão do assassino repulsava esses preparativos lúgubres. O processo era, então, mais expedito. Varavam-na, prestes, a facão. Um golpe único, entrando pelo baixo ventre. Um destripamento rápido. (CUNHA, 2003, p.493).

A chamada degola representava simbolicamente dois fenômenos distintos. Primeiro, a separação da cabeça do corpo, no qual o sujeito estava completamente abatido, ou uma forma de se promover militarmente de uma patente à outra. Um jovem soldado que desejava galgar um posto hierárquico na escala superior deveria cortar um número considerável de cabeças, fosse de velhos, crianças ou mulheres enfermas. As ordens dos seus comandantes determinavam as chacinas naquele sertão baiano, no qual o soldado aspirante obedecia cegamente em nome da ordem a politica da matança republicana:

Tinhamos valentes que ansiavam por essas covardias repugnantes, tácita e explicitamente sancionadas pelos chefes militares. Apesar de três séculos de atraso, os sertanejos não lhes levavam a palma do estadear idênticas barbaridades. (CUNHA, 2003, p.493).

Temos no discurso enunciado acima a análise de um escritor que não sucumbiu à ordem vigente. Apesar de militar e republicano, Euclides da Cunha ao fim da guerra não sucumbe à banalidade do mal, não relativiza ou naturaliza a ‘barbárie’ republicana. Ao contrário, observa-se no decorrer derradeiro da obra *Os Sertões*, a denúncia social e o deslocamento de sua posição, agora eticamente a favor do sertanejo vitimizado pelos soldados. O autor faz questão de revelar o massacre, ainda focando na prática da degola:

³³³ Termo cunhado pelo filósofo camaronês Achile Mbembe ao analisar a soberania, o biopoder e a política da morte nos Estados Contemporâneos.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Enlear ao pescoço da vítima uma tira de couro, num cabresto ou numa ponta de chiqueirador; impeli-la por diante; atravessar entre as barracas, sem que ninguém se surpreendesse; e sem temer que se escapasse a presa, porque ao mínimo sinal de resistência ou fuga um puxão para trás faria que o laço se antecipasse á faca e o estrangulamento à degola. Avançar ate a primeira covanca profunda, que era um requinte de formalismo; e, ali chegados, esfaqueá-la. (CUNHA, 2003, p.494).

Após tais cenas de carnificina narrada por Euclides da Cunha, é impossível não nos perguntarmos: “o que faz um ser humano normal realizar os crimes mais atrozes em nome da lei ou da ordem?”. A resposta está no mal banal. Trata-se de uma prática do mal promissora nas sociedades massificadas no qual os indivíduos estão condicionados. Vivendo como animal laborante os homens burocratizam as suas obrigações e se tornam desse modo incapazes de pensar as consequências das ordens dadas pelos seus superiores ou grupos. Dessa forma, assim como Eichmann foi incapaz de pensar sobre seus crimes contra os judeus, as tropas republicanas em nome da Lei renunciaram o pensamento que distingui o bem do mal, cometendo talvez uma das piores chacinas já registrada na história do Brasil.

Referências Bibliográficas

ARENDDT,Hannah. **Eichman Em Jerusalém: Um Relato Sobre a Banalidade do Mal.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BUENO, Eduardo. **Brasil Uma História.** São Paulo: Leya, 2012.

CUNHA, Euclides. **Os Sertões.** São Paulo: Martin Claret, 2003.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

MONIZ,Eduardo. **Canudos A Luta Pela Terra.** Rio de Janeiro: Global, 1982.

SELIGMANN, Marcio. **História Memória Literatura: O Testemunho na Era das Catástrofes.** São Paulo: Editora Unicamp, 2013.

